

DIREITOS HUMANOS NA PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

André Moraes CASTANHO¹

RESUMO: busca mostrar a violação dos direitos humanos no início e durante a Primeira Revolução Industrial e seus reflexos na sociedade atual, assim como as soluções encontradas para superar os problemas e aliar à Revolução Francesa, que trouxe a declaração dos direitos do homem.

PALAVRAS-CHAVE: História. Revolução Industrial. Revolução Francesa. Direitos humanos.

INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra ao final do século XVIII, foi, como o próprio nome diz, uma revolução na área da indústria, até então inexistente, pois apenas pequenas fábricas manufatureiras prevaleciam. O aumento na produção foi drástico, barateando os custos e, conseqüentemente, reduzindo os preços dos produtos. Porém, nesse período, houve um grande desrespeito aos direitos dos homens, pois as condições de trabalho e de vida nos primeiros anos da revolução, e em vários dos outros que se seguiram eram sofridos.

Mesmo com o advento da Revolução Francesa em 1789, a qual trouxe a declaração dos direitos do homem, e que ocorreu aproximadamente no mesmo período do surgimento da Revolução Industrial, não houve alívio para os trabalhadores ingleses e, posteriormente, franceses, holandeses e alemães. Esses direitos, embora teoricamente fossem destinados a todos os homens, acabaram por se tornar burgueses, camada social que, na Inglaterra, detinha os meios de produção e explorava a camada social mais desfavorecida, que necessitava, para sua própria sobrevivência, subordinar-se à classe burguesa.

Mas o que muitos esquecem é que a Revolução Industrial não foi apenas uma revolução econômica, mas tem essência socioeconômica, isto é,

¹ Aluno do 1º ano de Direito das Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente

envolve ao mesmo tempo a sociedade e a economia, pois a própria estrutura social foi alterada. As pessoas desenvolveram um sistema de pensamento voltado para o futuro (positivismo), e o progresso gerou uma idéia de que a sociedade podia melhorar, o que ocorreu em parte, pois a grande maioria da população inglesa, que pertencia à classe de operários, tinha condições péssimas de vida, mas, ao mesmo tempo, a revolução industrial gerou movimentos trabalhistas que se refletem até hoje nos sindicatos e nas próprias leis trabalhistas, e esta é uma das grandes marcas da revolução.

Grande parte do desenvolvimento técnico, científico, intelectual e social alcançado hoje só foi possível graças à base concedida pela Revolução Industrial Inglesa.

Para se entender o desenrolar dos direitos humanos ao longo da revolução industrial, faz-se necessário um histórico sobre o processo de consolidação da revolução e analisá-la em vista da Revolução Francesa, que trouxe consigo a declaração dos direitos do homem.

1 A PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

1.1 Histórico da Primeira Revolução Industrial

A Revolução Industrial, fato de tamanha importância para a evolução do capitalismo atual, tem início na Inglaterra, país que, à época do fim do século XVIII, apresentava algumas peculiaridades em relação aos outros países.

Costuma-se datar o início da Revolução Industrial a partir do crescimento vertiginoso da economia inglesa, o que se deu por volta de 1780, embora o processo histórico-evolutivo dos fatores que encaminharam a Inglaterra a tal desenvolvimento tenha se iniciado a partir do século XVI. Desde o fim do século XVIII, o crescimento inglês foi extraordinário, e a vida transformou-se completamente em poucos anos.

De acordo com Deane Phyllis:

A primeira fase da revolução industrial teve lugar na Grã-Bretanha e oferece especial interesse pelo fato de ter ocorrido espontaneamente sem a assistência governamental, a qual se tem constituído na tônica característica da maioria das revoluções industriais que se sucederam.²

A Inglaterra alcançou um grande desenvolvimento capitalista, somente possível com rompimento total com o sistema feudal, obtido por meio da Revolução Inglesa (1642-1653).

Posterior a isso, era necessária uma grande acumulação de capital e trabalhadores livres da terra, que pudessem servir como vendedores de seu trabalho nas futuras indústrias. À acumulação de capital ao longo dos tempos Marx deu o nome de “acumulação primitiva”.

A acumulação de capital se processou ao longo do tempo através das colônias. A Inglaterra dominava o cenário do comércio mundial e tinha colônias na América do Norte, Índia e diversas ilhas oceânicas. Destas colônias, extraía riquezas e monopolizava o comércio, conferindo a ela mesma grandes volumes de capital. Também explorava o mercado escravo, fornecendo escravos à Espanha em suas colônias sul-americanas.

Outro fator determinante foi a expulsão dos pequenos camponeses de suas propriedades, estas que passaram a formar, juntas, latifúndios burgueses. Os camponeses, que tinham na terra seu sustento, foram obrigados a vender os pequenos lotes que lhes restaram, pois a concorrência com os latifúndios era impossível, e a se refugiar nos centros urbanos, formando, futuramente, o proletariado que serviria de mão-de-obra às indústrias.³

O pioneirismo inglês pode ser explicado por diversos fatores: geográficos, sociais, climáticos etc. A localização é privilegiada, com fácil acesso ao mar; a sociedade se desenvolvia e formulava um novo pensamento voltado para o progresso; e o clima, úmido, favorecia a produção de algodão, matéria-prima da indústria têxtil (a primeira a se desenvolver na produção industrial de tecidos). Porém, tais fatores não são determinantes, mas apenas colaboraram para a Revolução Industrial, pois diversas outras regiões do mundo, mesmo naquela época, já apresentavam alguns desses fatores e não foram pioneiros na industrialização. Aponta-se, também, como fator, o fato de a Inglaterra possuir disponibilidade de

² DEANE, Phyllis. **A revolução industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.12.

³ EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945.

carvão mineral, que futuramente seria o combustível utilizado nas indústrias, mas a Silésia, por exemplo, era extremamente rica nesse minério, e não ocorreu com ela uma revolução como a inglesa. Os principais fatores que culminaram com a revolução foram os camponeses donos de terras que, embora vivessem no campo, não dependiam apenas da subsistência. Possuíam algum conhecimento técnico, que era o básico exigido na fase inicial da revolução. Além disso, existia uma parcela burguesa da população que estava disposta a investir no desenvolvimento com a finalidade de lucro. Como já foi mencionado, houve acúmulo de capital, sendo este aplicado pela burguesia na formação das primeiras indústrias.⁴

A partir daí, a burguesia passou a ser industrial. Para a obtenção de lucro, investia em novas tecnologias que proporcionassem um grande desenvolvimento de maquinário que pudesse produzir produtos padronizados e em grande escala. Isso causou grande redução dos preços dos produtos que antes eram provindos do artesanato ou de uma manufatura com baixa utilização de equipamentos sofisticados. O custo de produção, que antes era elevado, reduziu-se consideravelmente, embora os produtos, inversamente proporcional, elevaram-se, já que a demanda era grande.

1.2 Efeitos da Primeira Revolução Industrial na Estrutura da Sociedade e na Economia

A Revolução Industrial provocou, sem sobra de dúvidas, diversas mudanças tanto na sociedade quanto na forma de produção dos bens em geral. Antes, predominavam a manufatura e o artesanato, formas primitivas e lentas de produção, mas que proporcionavam produtos personalizados a quem os comprava. Não existia um produto que fosse igual ao outro. Mas nessa forma de produção, os preços ainda eram relativamente elevados, devido justamente à sua individualidade e ao tempo que tomavam do artesão.

Com o surgimento dos burgueses capitalistas, os artesãos, até para manterem sua sobrevivência, submeteram-se a uma nova forma de produção. Antes

⁴ HOBBSAWN, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 5 ed.; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

da indústria, surgiu a manufatura, método de produção feito em etapas, marcando uma profunda divisão do trabalho entre os operários, mas ainda era ineficiente, pois criou uma necessidade de produção que os próprios manufatureiros não poderiam suprir. Ademais, havia a limitação da força humana, que impedia que a produção fosse contínua, provocando crises com a interrupção da produção. A manufatura desliga-se do artesanato para gerar um trabalho coletivo, realizado em etapas, mas ainda depende da habilidade de seus operantes, pois não utiliza tanta mecanização como nas fábricas. Um entrave das manufaturas era que “o artesão era dono do seu tempo”, e não se submetia facilmente a um empregador em trabalho compulsório, utilizando seu tempo livre para o lazer.⁵

Os grandes burgueses agrupavam vários artesãos e estabeleciam etapas de produção. O tecido que antes era preparado por uma só pessoa, passou a ter sua produção dividida em fases e realizada por diferentes pessoas, numa forma de agilizar a produção. Passou-se, então, a existir a idéia de patrão, ao qual o trabalhador dependia e estava diretamente ligado. Porém, essa forma de produção ainda era em pequena escala, surgindo apenas posteriormente a indústria, com vasta utilização de maquinário e pessoal que soubesse trabalhar com mecanização, embora que ainda rudimentar.⁶ A indústria já dava seus primeiros passos...

Em grande parte, pode-se dizer que as mudanças na sociedade inglesa vieram pela busca de lucro e concorrência com outros povos, pois suas mercadorias tornaram-se de baixo custo através da produção em larga escala e melhoramento técnico, como o surgimento de novas invenções, financiadas pelos “burgueses industriais”, a nova classe social que surgia no âmbito da revolução.

As fábricas não surgiram de repente. Foi necessário um processo de transição do artesanato à manufatura, e desta para as indústrias, mas mesmo estas não eram modernizadas de início, mas ainda primitivas, sem muita utilização de maquinário. As invenções subseqüentes é que foram aperfeiçoando os meios de produção até que se chegasse a uma indústria cada vez mais mecanizada.

⁵ ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. 3 ed.; São Paulo: Ática, 1994.

⁶ EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945.

2 DIREITOS HUMANOS NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

2.1 A Situação dos Operários

A situação dos operários nas primeiras fábricas inglesas era deprimente. Não somente homens trabalhavam, mas mulheres e até crianças de quatro a seis anos, eram exploradas; a carga horária era abusiva, chegava a 16 ou 18 horas diárias; a alimentação era escassa; os salários reduzidos; os alojamentos em péssimas condições etc.

As crianças eram as mais exploradas pelo sistema, embora a maior parte dos operários fosse composta por mulheres. Em relação às crianças, diz José Jobson de Andrade Arruda: “sua debilidade física era garantia de docilidade, recebendo apenas entre 1/3 e 1/6 do pagamento dispensado a um homem adulto e, muitas vezes, recebiam apenas alojamento e alimentação”.⁷

O mesmo autor ainda afirma que muitas das crianças eram contratadas em algumas paróquias, estas que, estando abarrotadas, entregavam as crianças para reduzir suas despesas e pagamento de impostos.

Quanto aos reduzidos salários, A. Efimov leciona:

Enquanto na década de noventa do século XVIII o tecelão ganhava até quatro libras esterlinas por semana, nos princípios do século XIX, depois da invenção do tear de Cartwright, seus salários desceram a treze schillings⁸, em 1806, a dez schillings e em 1816, a cinco schillings. E isto acontecia, precisamente, quando os preços dos produtos de primeira necessidade subiam.⁹

A situação dos trabalhadores, como se observa, era calamitosa. José Jobson de Andrade Arruda ainda fala em mutilações corporais a que estavam sujeitos os trabalhadores, que não tinham nenhum tipo de segurança durante o trabalho, mas principalmente as crianças, que, segundo ele: “ficavam sobre as

⁷ ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. 3 ed.; São Paulo: Ática, 1994, p. 69.

⁸ Schilling: equivalente à vigésima parte de uma libra (EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945, p.38).

⁹ EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945, p.38.

máquinas, muitas vezes sustentados por uma perna-de-pau, pois seu pequeno tamanho não lhes permitia atingir o cimo dos altos teares, as crianças adormeciam e tinham seus dedos estraçalhados pelas engrenagens dos teares”.¹⁰

Como as crianças tinham dedos e mãos pequenos, elas eram recrutadas para trabalhos como atar fios quebrados nos teares, e os acidentes com estas eram freqüentes, mas não somente com as crianças, mas também com os adultos, porém, nenhum deles era indenizado e, incapacitados para o trabalho, eram demitidos.

As mulheres perderam completamente a função de donas-de-casa, e as crianças foram obrigadas a fazer parte da fonte de sustento da família. Muitas mulheres trabalhavam excessivamente e, de acordo com Marx, tinham apenas seis horas livres, cinco dias por semana, para regressarem a seus lares e dormirem para, no dia seguinte, retornarem à incessante jornada de trabalho.¹¹ Já as crianças não podiam ficar sozinhas em casa, e não havia ninguém com quem os pais pudessem deixá-las, então eram levadas junto às fábricas para trabalharem.

Com o passar do tempo começou a surgir um desemprego em massa na Inglaterra. Anteriormente, mesmo com a utilização de maquinário, os trabalhadores ainda tinham que manuseá-lo, e eram necessárias várias pessoas para manusear uma mesma máquina, mas com o advento de novas tecnologias, pouquíssimos operários eram necessários para manusear os novos equipamentos, que, por sua vez, produziam muito mais a custos muito menores. Quanto mais aumentava a produção, mais tecnologia, mais desemprego, e salários menores. Era um ciclo interminável.

2.2 A Solução dos Operários

Para superar as dificuldades impostas pela revolução industrial, os operários tiveram que criar, por si sós, uma maneira de conseguirem alcançar melhores condições de vida e trabalho. Entre estas formas estão, entre outras, a revolta dos operários e o movimento da entreatajuda.

¹⁰ ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. 3 ed.; São Paulo: Ática, 1994, p. 70.

¹¹ MARX *apud* ARRUDA, p. 70.

2.2.1 A revolta dos operários

Cansados de tantos maus tratos e péssimas condições de vida e trabalho, os operários ingleses tiveram que optar por uma solução drástica para seus problemas: a revolta.

Logo antes do advento da revolução industrial (1780), durante o período da manufatura, os trabalhadores já estavam em revolta, com o surgimento as primeiras máquinas que lhes tiravam o trabalho. Muitos já começavam a ficar desempregados e, com o surgimento dessas novas tecnologias, a produção aumentava e os preços, conseqüentemente caíam drasticamente, impedindo a concorrência entre os artesãos e os manufatureiros. Várias dessas primeiras máquinas foram destruídas e seus inventores perseguidos, embora a punição para esses rebeldes fosse a pena de morte. Posteriormente, para solucionar o problema dos operários que não pudessem obter a sua subsistência, o governo criou a *Lei Speenhamland*, a qual tinha por objetivo obrigar a sociedade a dar o complemento aos que não pudessem se suprir, também obrigando os mendigos e desabrigados a procurar paróquias para que vivessem de doações da própria comunidade. ¹²

2.2.2 O movimento da entreajuda ¹³

Em razão das péssimas condições de vida as quais os trabalhadores ingleses estavam submetidos e ao abandono do governo em relação a eles, os próprios operários tiveram que criar soluções para que, se não pudessem ascender socialmente, ao menos tentar amenizar sua situação calamitosa. Surgiu, então, o movimento da entreajuda.

Criaram, pra melhorar suas condições, as associações de socorro mútuo; aplicavam seu pouco dinheiro em fundos de investimento; buscavam conseguir instrução, pois seu nível de escolaridade era reduzido etc.

¹² ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. 3 ed.; São Paulo: Ática, 1994.

¹³ HENDERSON, W. O. **A revolução industrial 1780-1914**. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.

Várias universidades passaram a se ocupar de auxiliar diversos operários em conseguir certa instrução, e inclusive vários alunos recém-formados dessas universidades procuravam colaborar com operários que quisessem se instruir. Outros trabalhadores, porém, tentavam aprender sozinhos.

Também foram criadas as caixas econômicas, com o intuito de proteger os operários, que depositavam suas poupanças para recorrerem a esse dinheiro em caso de doença ou desemprego, para que não dependessem da “caridade pública”. Porém, essas caixas econômicas eram gerenciadas pela própria aristocracia e, de início, provocou desconfiança dos depositantes, mas se difundiu rapidamente na própria Inglaterra e espalharam-se para outros países, como França e Prússia (antiga Alemanha).

As associações de socorro mútuo eram compostas pelos próprios operários, que se associavam e depositavam certa quantia em dinheiro para que pudessem recorrer a esse caixa futuramente em caso de doença.

3 A REVOLUÇÃO FRANCESA E OS DIREITOS HUMANOS

3.1 A Declaração dos Direitos do Homem

A Revolução Francesa foi um marco para a humanidade. Através dela houve a quebra total com o antigo regime absolutista europeu e ocorreu um fato inédito, uma declaração universal dos direitos do homem. Através dela, diversos direitos foram estabelecidos, embora que ainda não respeitados em todo inicialmente. Mas ainda assim foi um avanço para a preservação dos direitos do homem.

Pela primeira vez houve uma carta de direitos que trouxesse os direitos que pertenciam ao homem por natureza, baseando-se na teoria jusnaturalista, positivando alguns direitos imanes ao homem, como, principalmente, a liberdade e a propriedade tão privilegiadas por Locke. O fato é que antes da declaração dos

direitos do homem francesa, que data de 1789, já havia a americana, que dava direitos às treze colônias, mas se dá maior respaldo à francesa, visto que é tomada por base para vários outros modelos e é referência no assunto. Uma inovação dessa carta é que não se considerou mais que os direitos que os cidadãos possuem provêm da boa vontade do soberano, mas esses direitos pertencem ao homem desde sempre e devem ser respeitados. Em outras cartas, como o Bill of Rights inglês isso não ocorria, já que, embora também fosse uma carta de direitos dos cidadãos, esses direitos foram dados pelo soberano a seus súditos, e não pertenciam a estes por natureza. Por isso, a declaração francesa dos direitos do homem diferencia-se de modelos clássicos de outras leis por não impor mais obrigações aos seus cidadãos, como o fizeram leis do tipo dos Dez Mandamentos e a Lei das Doze Tábuas, mas estabeleceu direitos dos cidadãos que deveriam ser protegidos pelo Estado.¹⁴

Bobbio ainda afirma que uma das grandes críticas feitas a essa declaração é que ela não é realmente dirigida a todos os cidadãos, mas aos burgueses, estes sendo os cidadãos a qual a carta se refere. O motivo dessa discussão é a inclusão do direito a propriedade dos indivíduos, direito este considerado por Marx de burguês. Assim, a declaração seria um instrumento de dominação dos burgueses sobre as classes economicamente mais inferiores e uma maneira destes mesmos burgueses estarem na detenção do poder.

De acordo com A. Efimov:

Esta teoria dos *direitos naturais* serviu como arma à burguesia em sua luta contra o feudalismo do ponto de vista da razão e dos direitos “naturais” e “inerentes” do homem submeteu à crítica o antigo regime e as instituições feudais. A burguesia apresentou suas exigências de classe como exigências da humanidade, como os seus direitos naturais e inerentes.¹⁵

Isso quer dizer que a burguesia positivou esses direitos imanes ao homem para privilegiar ela mesma e a se tornar a detentora e única titular destes direitos, em detrimento dos outros cidadãos.

Essa crítica é bem direcionada por Marx e socialistas em geral, que afirmavam que esses direitos eram um instrumento de dominação de classe por

¹⁴ BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 9 ed.; Rio de Janeiro: Campus, 1992.

¹⁵ EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945, p. 75.

parte dos burgueses, pois estes últimos desfrutavam desses direitos, mas o proletariado não.

Os socialistas afirmavam que apenas os objetos pessoais e de última necessidade poderiam ser propriedade particular do indivíduo, e que o restante deveria ser coletivo. Mas era um preceito destinado às propriedades rurais, pois criticavam a propriedade rural privada, não fazendo referência aos meios de produção, visto que a França, à época da revolução, era primordialmente agrária e manufatureira, e não estava iniciando seu processo industrial como o estava a Inglaterra.¹⁶

3.2 Relação da Declaração dos Direitos do Homem Francesa com a Violação dos Direitos Humanos na Primeira Revolução Industrial

A Revolução Francesa, com sua declaração dos direitos do homem e a Revolução Industrial inglesa ocorreram quase que simultaneamente (a primeira em 1789 e a segunda em 1780).

Embora a declaração tenha vindo pouco tempo depois, ela se aplicava, na prática, somente aos burgueses, deixando de lado o proletariado.

Como a declaração foi utilizada como padrão para se agregar os direitos ao homem, podemos utilizá-la na Inglaterra, local onde apenas os burgueses, detentores dos meios de produção, segundo Marx, usufruíam desses direitos.

A igualdade, tão privilegiada e sagrada, foi de longe vista na Inglaterra. Como visto antes, os trabalhadores operários não tinham salários que fossem compatíveis com seu trabalho e esforço, mas para sobreviverem, tinham que se submeter aos burgueses e trabalhar arduamente. Eram totalmente diferentes da classe superior economicamente. A igualdade não pode ser tomada apenas por igualdade econômica, mas social, em direitos, e o proletário com certeza não tinha, na prática, os mesmos direitos dos burgueses, embora teoricamente os tinham.

¹⁶ EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945

Quanto à liberdade, a declaração a trouxe como um conceito de se poder fazer tudo quanto não prejudicasse o outro, conceito vago e que não se aplicava ao proletariado, até porque nem tempo de poder exercer esse direito eles tinham, pois trabalhavam tão exaustivamente que tinham apenas o tempo de regressarem a suas casas para dormirem e retornarem no dia seguinte ao trabalho. Os operários tinham mais obrigações do que liberdade.

Segundo Hobbes e Montesquieu, a liberdade é entendida como poder fazer tudo o que as leis permitam, e Kant afirmava que a liberdade do indivíduo vai até onde ela tangencia a liberdade do outro. Tais definições se diferenciam da definição da declaração francesa.¹⁷

Quanto à propriedade, como já afirmado acima, sofreu muitas críticas, principalmente dos socialistas, que a tinham como um direito estritamente burguês e, em parte, tinham razão, pois o proletário não dispunha de meios adequados para ter sua propriedade, não somente no sentido de residência, mas bens particulares. Seus reduzidos salários não lhes permitia adquirir bens, embora pudessem ter esses bens como um direito.

Esses foram os principais direitos que a declaração francesa estabelecia como imanentes ao homem, mas existem outros. Embora fossem destinados a todos os cidadãos, inclusive ao proletariado, estes não dispunham de meios para conseguir exercer seus direitos que lhes pertencem pelo simples fato de serem homens. Os burgueses, que usavam esses direitos como forma de dominação dos operários, suprimiram os direitos destes últimos para garantir os seus.

CONCLUSÃO

A Revolução Industrial foi um grande movimento na história da humanidade, sem o qual não se poderia ter todo o desenvolvimento alcançado nos dias de hoje.

¹⁷ BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 9 ed.; Rio de Janeiro: Campus, 1992

Apesar de tanto progresso, na época de seu surgimento, a revolução trouxe diversos problemas sociais, pois os burgueses, que detinham os meios de produção, submetiam os operários a condições péssimas de trabalho, violando completamente os “direitos naturais”, trazidos pela Revolução Francesa.

Embora tenha havido tantos problemas, a Revolução Industrial foi indispensável, e os direitos humanos que inexistiam em seu início, serviram para reflexão e para que os homens positivassem esses direitos e para que o Estado os tornasse reais, como se observa hoje.

As leis trabalhistas mais recentes vêm a mudar essa situação de impunidade quanto aos direitos dos trabalhadores.

Portanto, apesar de tantos problemas gerados, como desemprego e situações deploráveis, a revolução foi necessária, para que a mente do homem mudasse e se observasse o que estava ocorrendo de errado, e para que os trabalhadores observassem suas mazelas e reivindicassem os direitos que lhes eram garantidos, mas não aplicados.

Embora pudesse ter ocorrido de maneira diferente, não gerando tantos problemas sociais, a revolução foi necessária para que se atingisse todo o desenvolvimento industrial e para que uma revolução estrutural da sociedade ocorresse, e culminasse no desenvolvimento acelerado dos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. 3 ed.; São Paulo: Ática, 1994

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 9 ed.; Rio de Janeiro: Campus, 1992

DEANE, Phyllis. **A revolução industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969

EFIMOV, A. **História da época do capitalismo industrial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1945

HENDERSON, W. O. **A revolução industrial 1780-1914**. Lisboa: Editorial Verbo, 1969

HOBBSAWN, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 5 ed.; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000